

No Contorno de Santo Antônio, visite a Torre da TV e fotografe Vitória

Quem gosta de beber e não é muito exigente terá opções na Ilha das Caieiras, especialmente no bar da Tia Hilda. Ainda na estrada do Contorno de Santo Antônio, abandonada pelos órgãos públicos, um bom programa é subir à Torre de TV, onde, além de apreciar a paisagem da cidade, você pode comer e beber no bar-restaurant Panorama City.

Fotos de Gildo Lovola



Do alto da torre, uma visão que confirma a beleza da cidade

Para aqueles capixabas que gostam de explorar sua cidade, em busca de novas atrações para o lazer do fim de semana, o Contorno de Santo Antônio oferece poucas opções, mas vale a pena uma visita, sem o espírito de turista exigente. Para os moradores da zona norte de Vitória e do centro, o melhor caminho em direção ao Contorno é pegar a estrada de Maruípe (entrada próxima ao Quartel da PM). Depois de passar pelo bairro Jeanne D'Arc, um dos inúmeros bairros da cidade criados com muito pouca infra-estrutura, o candidato a descobrir novos locais de lazer vai sentir que a estrada, apesar do asfalto, é muito perigosa, sem qualquer sinalização e sem iluminação. O lugar tem muito verde, tanto que uma imobiliária já loteou um trecho e instalou a placa "Floresta da Ilha", mas a Prefeitura não deve ter nenhuma preocupação turística com a região, pois as condições da estrada deixam insegura a pessoa que se aventura passar ali à noite.

A direita, pouco antes de chegar a Santo Antônio, está a Ilha das Caieiras (logo no início, em direção ao campo de futebol do Racing, está um outro sub-bairro, o São Pedro), onde a população pobre vive em

grande parte da pesca no mangue e os boêmios já descobriram alguns bares que costumam promover serestas. Seu Paulino Barbosa das Neves, 73 anos, um dos mais antigos moradores, no local desde 1934, aposentado pela Cermag, diz que a ilha é lugar de calma. "aqui é uma irmandade, confusão só quando vem pessoal de fora". Depois de trabalhar 36 anos e se aposentar como vigia e empilhador de café, seu Paulino passa as horas sentado nas calçadas e, apesar da pobreza do bairro, da falta de perspectiva, ele está satisfeito, gosta da tranquilidade: "Carro aqui respeita todo mundo, não mata nem cachorro". Lembra o tempo que o acesso à ilha só era possível através de canoas e havia muitas festas: "Isso foi na época dos nortistas, era um tempo de pouco dinheiro, mas era bom, todo mundo se divertia. Os donos de redes davam suas redes para os pescadores limparem, o que eles pescavam eram deles, então se fazia muita comida, ninguém ficava com fome".

A Ilha das Caieiras é um típico bairro da periferia de Vitória. Mas pode atrair, para o lazer, aqueles que desejam apenas beber, comer qualquer coisa e não ligam para conforto. O Bar Tia Hilda é o mais

antigo, se for considerado o tempo em que o local era uma daquelas vendas do interior, em que se encontra de quase tudo. Era a época do seu Manoel dos Passos Lírio, avô de Aldir José, o Didi, filho da tia Hilda, moradores do bairro há 18 anos. Depois da morte do avô, a venda ficou nas mãos de um tio de Didi, mais tarde de uma prima, até fechar. Como o pequeno comércio era tido como a "alma da ilha", os moradores insistiram e ele foi reaberto, só que como bar, já que a quantidade de fiado está ficando insuportável, apesar de toda camaradagem. A partir de 1975 começou a funcionar o bar. No ano passado, Didi resolveu arrendá-lo a Sinvaldo Moreira dos Santos, o Siri. Não foi uma boa. O movimento caiu, os frequentadores estavam acostumados com o antigo dono e os preços altos também não atraíram ninguém. Há poucas semanas Didi resolveu retomar o bar, em busca de reviver a época em que a tia Hilda era visitado até por advogados, juizes, "gente famosa da cidade".

O bar serve vários tipos de bebida, incluindo cachaça com raízes, salsa. Nos dias de semana, o movimento começa às 17 horas, sábado e domingo é o dia todo. Nos fins de semana, as portas só são fechadas

quando o dia já está amanhecendo e o bar atende também aos que desejam almoçar ou jantar. A comida é ostra, sururu, camarão, siri desfiado, caranguejo, torta capixaba (especialmente sexta-feira e sábado), num preço médio de Cr\$ 130,00, e é servida num pequeno salão de quarenta mesas, cercado de bambu e coberto por Eternit. Para animar um pouco, Didi está sempre rodando discos de Nelson Gonçalves, Roberto Carlos, Benito di Paula e, de vez em quando, tem seresta ao vivo.

Como os demais comerciantes da Ilha das Caieiras, Didi reclama da falta de água (os moradores utilizam poço e, em alguns lugares, a Cesan fez instalações, mas não leva o líquido) e da inexistência de um calçamento que impeça os problemas causados pela chuva. Próximo ao Tia Hilda funciona o Bar do Romeu e o Canoeiros (que só abre nos fins de semana). Mais no final da ilha, está o Bar do Zizi, de propriedade do aposentado Aguiar Calazans, hoje dedicado à pescaria. É um local para "servir aos amigos", como diz o dono e não indicado nem para um aperitivo à noite por causa do maruí, espécie de mosquito ou pulga que só dá no mangue, principalmente nas luas Nova, Cheia. Zizi oferece cerveja, tira-gos-

tos e uma mesa de sinuca. Dependendo da amizade, até que sai uma moqueca, nos fins de semana. Zizi reclama também da falta de água e da estrada, mas faz questão de elogiar a luz fornecida pela Escelsa. Logo em frente está o Cantinho do Lilico, também um aposentado (como estivador) e dedicado à pescaria. Tem casa em Santo Antônio, mas passa o dia na ilha, onde mantém duas canoas para pesca.

Realmente, leitor, não há nada de muito atraente na Ilha das Caieiras, mas logo ao sair do bairro, siga em frente e, de acordo com uma pequena placa, suba para a torre de TV. A estrada é quase toda calçada e, lá em cima, a situação muda completamente.

Para melhor. O clima já é mais frio e a visão que se tem de Vitória é um espetáculo, principalmente para fotógrafos. É uma chance de se constatar a beleza da cidade.

No local, além de equipamentos de emissoras de rádio e TV (Embratel, TV GAZETA, etc.), funciona o bar e restaurante Panorama City, de propriedade de Antonio Luiz Sala. Uma casa agradável, espaçosa, com mesas e bancos de madeira, telhado e paredes de bambu.

GAZETA 19 Junho 80

A119995

GAZI

Para aqueles capixabas que gostam de explorar sua cidade, em busca de novas atrações para o lazer do fim de semana, o Contorno de Santo Antônio oferece poucas opções, mas vale a pena uma visita, sem o espírito de turista exigente. Para os moradores da zona norte de Vitória e do centro, o melhor caminho em direção ao Contorno é pegar a estrada de Maruípe (entrada próxima ao Quartel da PM). Depois de passar pelo bairro Jeanne D'Arc, um dos inúmeros bairros da cidade criados com muito pouca infra-estrutura, o candidato a descobrir novos locais de lazer vai sentir que a estrada, apesar do asfalto, é muito perigosa, sem qualquer sinalização e sem iluminação. O lugar tem muito verde, tanto que uma imobiliária já loteou um trecho e instalou a placa "Floresta da Ilha", mas a Prefeitura não deve ter nenhuma preocupação turística com a região, pois as condições da estrada deixam insegura a pessoa que se aventura passar ali à noite.

A direita, pouco antes de chegar a Santo Antônio, está a Ilha das Caieiras (logo no início, em direção ao campo de futebol do Racing, está um outro sub-bairro, o São Pedro), onde a população pobre vive em

grande parte da pesca no mangue e os boêmios já descobriram alguns bares que costumam promover serestas. Seu Paulino Barbosa das Neves, 73 anos, um dos mais antigos moradores, no local desde 1934, aposentado pela Cermag, diz que a ilha é lugar de calma. "aqui é uma irmandade, confusão só quando vem pessoal de fora". Depois de trabalhar 36 anos e se aposentar como vigia e empilhador de café, seu Paulino passa as horas sentado nas calçadas e, apesar da pobreza do bairro, da falta de perspectiva, ele está satisfeito, gosta da tranquilidade: "Carro aqui respeita todo mundo, não mata nem cachorro". Lembra o tempo que o acesso à ilha só era possível através de canoas e havia muitas festas: "Isso foi na época dos nortistas, era um tempo de pouco dinheiro, mas era bom, todo mundo se divertia. Os donos de redes davam suas redes para os pescadores limparem, o que eles pescavam eram deles, então se fazia muita comida, ninguém ficava com fome".

A Ilha das Caieiras é um típico bairro da periferia de Vitória. Mas pode atrair para o lazer, aqueles que desejam apenas beber, comer qualquer coisa e não ligam para conforto. O Bar Tia Hilda é o mais

antigo, se for considerado o tempo em que o local era uma daquelas vendas do interior, em que se encontra de quase tudo. Era a época do seu Manoel dos Passos Lirio, avô de Aldir José, o Didi, filho da tia Hilda, moradores do bairro há 18 anos. Depois da morte do avô, a venda ficou nas mãos de um tio de Didi, mais tarde de uma prima, até fechar. Como o pequeno comércio era tido como a "alma da ilha", os moradores insistiram e ele foi reaberto, só que como bar, já que a quantidade de fiado está ficando insuportável, apesar de toda camaradagem. A partir de 1975 começou a funcionar o bar. No ano passado, Didi resolveu arrendá-lo a Sinvaldo Moreira dos Santos, o Siri. Não foi uma boa. O movimento caiu, os frequentadores estavam acostumados com o antigo dono e os preços altos também não atraíam ninguém. Há poucas semanas Didi resolveu retomar o bar, em busca de reviver a época em que a tia Hilda era visitado até por advogados, juizes, "gente famosa da cidade".

O bar serve vários tipos de bebida, incluindo cachaça com raízes, salsa. Nos dias de semana, o movimento começa às 17 horas, sábado e domingo é o dia todo. Nos fins de semana, as portas só são fechadas

quando o dia já está amanhecendo e o bar atende também aos que desejam almoçar ou jantar. A comida é ostra, sururu, camarão, siri desfiado, caranguejo, torta capixaba (especialmente sexta-feira e sábado), num preço médio de Cr\$ 130,00, e é servida num pequeno salão de quarenta mesas, cercado de bambu e coberto por Eternit. Para animar um pouco, Didi está sempre rodando discos de Nelson Gonçalves, Roberto Carlos, Benito di Paula e, de vez em quando, tem seresta ao vivo.

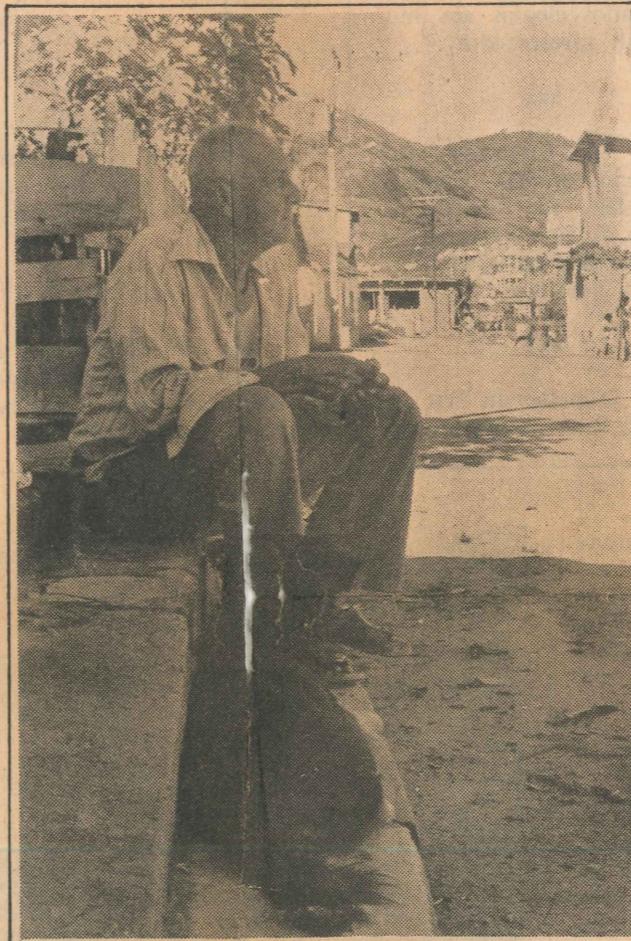
Como os demais comerciantes da Ilha das Caieiras, Didi reclama da falta de água (os moradores utilizam poço e, em alguns lugares, a Cesan fez instalações, mas não leva o líquido) e da inexistência de um calçamento que impeça os problemas causados pela chuva. Próximo ao Tia Hilda funciona o Bar do Romeu e o Canoeiros (que só abre nos fins de semana). Mais no final da ilha, está o Bar do Zizi, de propriedade do aposentado, Aguilar Calazans, hoje dedicado à pescaria. É um local para "servir aos amigos", como diz o dono e não indicado nem para um aperitivo à noite por causa do marui, espécie de mosquito ou pulga que só dá no mangue, principalmente nas luas Nova, Cheia. Zizi oferece cerveja, tira-gos-

tos e uma mesa de sinuca. Dependendo da amizade, até que sai uma moqueca, nos fins de semana. Zizi reclama também da falta de água e da estrada, mas faz questão de elogiar a luz fornecida pela Escelsa. Logo em frente está o Cantinho do Lilico, também um aposentado (como estivador) e dedicado à pescaria. Tem casa em Santo Antônio, mas passa o dia na ilha, onde mantém duas canoas para pesca.

Realmente, leitor, não há nada de muito atraente na Ilha das Caieiras, mas logo ao sair do bairro, siga em frente e, de acordo com uma pequena placa, suba para a torre de TV. A estrada é quase toda calçada e, lá em cima, a situação muda completamente.

Para melhor. O clima já é mais frio e a visão que se tem de Vitória é um espetáculo, principalmente para fotógrafos. É uma chance de se constatar a beleza da cidade.

No local, além de equipamentos de emissoras de rádio e TV (Embratel, TV GAZETA, etc.), funciona o bar e restaurante Panorama City, de propriedade de Antonio Luiz Sala. Uma casa agradável, espaçosa, com mesas e bancos de madeira, telhado e paredes de bambu.



Ilha das Caieiras, um bairro típico da periferia de Vitória, onde os maiores problemas são a água e a falta de calçamento, mesmo assim procura ter sua vida noturna. Didi e tia Hilda (ao lado, no centro) são donos de um bar e seu Paulino é um dos mais antigos moradores.

